OSCAR G.-QUEVEDO, S.J.



NOSSA SENHORA DE GUADALUPE

O OLHAR DE MARIA PARA A AMÉRICA LATINA
"Não estou aqui eu que sou tua mãe?"



13ª EDIÇÃO

Coleção Lições e Respostas do CLAP — Nº 1

OBRAS DO AUTOR NESTA EDITORA

Face oculta da mente (A), 19ª ed.
(Fenômenos parapsicológicos do conhecimento)

Forças físicas da mente (As), 2 tomos, 10ª ed.

Identificação dos mortos? – Uma sensacional polêmica, 2ª ed.

Milagres – A ciência confirma a fé, 2ª ed.

Nossa Senhora de Guadalupe – O olhar de Maria para a América Latina, 13ª ed.

Palavra de Iahweh e espiritismo, 2ª ed.
(Contra a interpretação e evocação no espiritismo)

Provas da ciência (As) – E grandes desafios em dinheiro aos espíritas, 2ª ed.

Oscar G.-Quevedo, S.J.

Nossa Senhora de Guadalupe

O olhar de Maria para a América Latina

"NÃO ESTOU AQUI EU QUE SOU TUA MÃE?"



Edições Loyola

Índice

Nossa Senhora

Quem é a Senhora que desejamos seja Nossa? Os católicos chamam assim a Mãe de Jesus e a têm também como sua Mãe, dedicando-Lhe amor, devoção e confiança especiais.

Tornaram-se tantos os filhos e tão diferentes, que Ela também pareceria ter-se tornado várias e diferentes. Recebeu muitíssimos nomes.

Não se trata de novas revelações. A Revelação terminou com a morte do último Apóstolo, São João Evangelista. A Revelação do Pai pelo Antigo Testamento, a do Filho pela pregação de Jesus Cristo, a do Espírito Santo no dia de Pentecostes e pela pregação dos Apóstolos no Novo Testamento. Há milagres de conhecimento, mas não novas revelações doutrinais. A Revelação está completa. Ninguém pode acrescentar nem suprimir, modificar ou corrigir nada.

Nem se trata de aparições. Todos os presentes veriam e ouviriam. Nem podem atribuir-se a Deus as incongruências e alucinações dos videntes...

A Igreja aprova apenas o culto, unicamente, estritamente. Culto à Imaculada de Lourdes com especial atenção aos doentes. Culto a Nossa Senhora do Rosário de Fátima pela paz do mundo...

E culto a Nossa Senhora de Guadalupe, Padroeira da América Latina. E só isso. O culto sob tal invocação. Sem revelações, sem "segredinhos", sem ameaças...

Perante a desproporcionada e fantasiosa mentalidade que hoje grassa por todas as partes, inclusive entre os que têm obrigação de estudar, seria bom lembrar o decreto do Quinto Concílio Ecumênico de Latrão, em 1516:

> "Mandamos a todos os que estão, ou futuramente estarão, incumbidos da pregação, que de modo nenhum presumam (...), ninguém ouse (...) afirmar o que quer que seja como se o tivesse recebido do Espírito Santo ou de revelação particular".

O culto em Lourdes, Fátima, Guadalupe e tantos outros lugares só foi aprovado pela Igreja depois dos milagres que Deus ali realizou. Porque os milagres são a "assinatura", o "visto" de Deus. As visões são em si mesmas naturais, mas os milagres com elas relacionados provam que esse culto é especialmente querido por Deus.

Apoiado nos milagres, no dia 12 de dezembro de 1531, Dom Juan de Zumárraga, primeiro bispo do México, aprovou o culto a Nossa Senhora de Guadalupe. Em 1556, o segundo bispo do México, Dom Alfonso de Montúfar, não só voltou a aprovar o culto como refutou sabiamente os ataques tendenciosos lançados contra a historicidade dos acontecimentos.

Vinte e cinco papas aprovaram e incentivaram o culto a Nossa Senhora de Guadalupe.

O Papa Pio X, em 24 de agosto de 1910, declarou Nossa Senhora de Guadalupe "Celestial Padroeira da América Latina". De nossa América Latina, terceiro mundo, que pouco conhece e por isso não acode à Protetora que tem... Mas brilha a esperança: a basílica de Guadalupe recebe já anualmente cerca de 20 milhões de peregrinos.

Em 25 de maio de 1754, o inigualável sábio Papa Bento XIV ratificou o culto a Nossa Senhora de Guadalupe, e como conclusão das suas insuperáveis pesquisas lembrou um Salmo: O que Deus fez com a América Latina "non fecit taliter omni nationi" ["não fez de tal maneira com nenhuma outra nação" (Sl 147,20)].

Queremos aqui ver o que Deus fez para garantir que Nossa Senhora de Guadalupe é a Mãe, Rainha e Protetora... da América Latina pelas declarações oficiais da Igreja. Na realidade, na expressão de Bento XIV referendada por outros papas, também de todos os países de língua espanhola. De todas as Américas, por argumentos históricos. Com muito orgulho e súplica, o CLAP, desde a sua fundação, proclama Nossa Senhora de Guadalupe como sua Padroeira.

Queremos aqui ver como Deus "assinou" mais que em quaisquer outras nações...

O Povo Asteca

Quando, no dia 8 de novembro de 1519, Hernán Cortés chegou ao México com um reduzido grupo de soldados espanhóis, as populações locais já existiam há quarenta mil anos na América Latina. Existiam, produzindo altas culturas com saberes sofisticados. Quase meio século depois, o historiador Bernal Diaz del Castillo ainda se lembrava da admiração dos espanhóis quando avistaram pela primeira vez a grande cidade de Tenochtitlán (hoje México), cujos edifícios refletiam-se nos lagos salgados. O império asteca terminou sob o domínio de Hernán Cortés em 1521.

O cristianismo chegou ao México com os conquistadores. Guerreiro e religioso, o povo asteca convivia com a morte na prática de sua religião. Contava uma das muitas lendas que os deuses céu e terra geraram os deuses lua e estrelas. Mas um dia, a terra, chamada Tonantzin, enquanto caminhava pelo monte Tepeyac, ficou grávida, concebendo o deus sol. É por isso que o sol nasce na terra e não no céu, como a lua e as estrelas. As estrelas não gostam do sol, porque ele é um filho adulterino da terra. E a cada dia trava-se a luta do sol contra a lua e as estrelas, que o ven-

cem no final do dia, deixando o céu manchado do vermelho de seu sangue. Durante a noite, apesar de governada pela lua e pelas estrelas, o sol na escuridão pode refazer-se graças ao sangue dos homens oferecidos nos sacrifícios. Fortalecido, é capaz de surgir novamente ao clarear do dia.

Com a dominação espanhola, os sacrifícios humanos foram proibidos. O topo da pirâmide onde se celebravam os sangrentos sacrifícios humanos foi destruído, e no seu lugar foi construída a Igreja de Santiago, ainda hoje conservada. Mas continuavam vivos os mitos religiosos daquele povo.

Os missionários esforçaram-se muito para que os astecas descobrissem e aceitassem Deus, que é maior que o sol, a terra, a lua e as estrelas. Mas poucos se convertiam. A idolatria estava arraigada neles.

No "Colóquio dos doze apóstolos franciscanos com os sábios astecas", estes não aceitaram que suas tradições religiosas fossem extintas: "E agora nós devemos destruir a antiga regra de vida?"

Poucos anos depois, em 1531, "a antiga regra de vida" ia ser abandonada espontaneamente. Oito milhões de índios pediriam o batismo católico, por amor a uma Jovem Rainha que um deles disse ter visto no monte Tepeyac. A Jovem vestia as cores com que a rainha dos astecas se vestia nas grandes festas. Os missionários franciscanos, onde hoje está a linda igreja de "El Pozito", mandada

construir pelo Bispo Dom Alfonso de Montúfar, batizavam até 15 mil índios por dia. Toda a nação asteca, como um só homem, batizou-se e fez-se instruir na religião que veio com aquela Jovem Rainha. Ela "pode ser chamada com todo o direito a Primeira Evangelizadora da América", frisava João Paulo II, em 6 de maio de 1990.

O índio, hoje São Juan Diego, não podia saber que o lugar, no Tepeyac, onde ele estava tendo a visão da Jovem Rainha era exatamente o centro geográfico, milimetricamente, o umbigo de todo o continente americano. Símbolo de que a Senhora era a Rainha das Américas. E de fato, em 1945, Pio XII interpretava, sem conhecê-lo, este simbólico desejo de Nossa Senhora, declarando-a "Imperatriz de *todas* as Américas".

E a Jovem Rainha não era deusa. Era superior aos "deuses" sol, lua, estrelas... com eles se ornava. Mas estava em adoração ao Fruto do Seu ventre. Usava o cinto de arminho, a gola e os punhos também de arminho que a rainha dos astecas usava quando estava grávida. Quem seria o Menino que a Jovem Rainha esperava? Sobre o peito levava um broche com a Cruz de Cristo, tal como estava nos estandartes dos conquistadores espanhóis.

imediatamente contíguos aos fatos relatados. O terceiro destaque é o livro publicado em 1649 por Luis Lasso de la Vega, religioso encarregado da igreja de Guadalupe, que se constituiu no mais importante e elaborado documento sobre os acontecimentos de dezembro de 1531.

Nican mopohua e *Nican motecpana* são precisamente as palavras que iniciam a publicação de Lasso de la Vega: "Aqui se conta, aqui se ordena"...

"Primeiro a viu um pobre índio de nome Juan Diego".

Juan Diego

Ele pertencia à raça asteca. Nasceu por volta de 1474 no povoado de Cuauhtitlán, próximo da Cidade do México. Chamava-se Cuauhtlatoatzin. Em 1525, toda a pequena família converteu-se ao catolicismo, recebendo ele no batismo o nome de Juan Diego, sua esposa o de Maria Lúcia e seu tio o de Juan Bernardino.

Juan Diego era um *macehual*, isto é, um homem do povo. Da casta dos tlamenes, a mais desprezada entre os astecas, só não eram inferiores aos escravos. Os tlamenes dedicavam-se aos trabalhos mais humildes e difíceis.

Em criança freqüentara a escola, obrigatória para todos os astecas.

Era apelidado de “peregrino”, pelo pouco que tratava e conversava com os demais e porque sempre andava só. Não tinha filhos. Em 1529 ficou viúvo.

Levava a sério a rígida espiritualidade católica da época. Todos os domingos caminhava, ida e volta, 24 quilômetros, da sua aldeia Tulpetlac para participar da Missa, comungar e aprofundar a instrução religiosa em Tlatelolco. A morte da esposa uniu-o ainda mais em afeto e fé a seu tio, com o qual passou a assistir à Missa e comungar também aos sábados em honra de Nossa Senhora. Para isso tinha de se levantar muito cedo para poder voltar à hora do trabalho, pois a capela estava a 12 quilômetros de onde morava.

Com seu caráter introvertido, não é tão surpreendente que tivesse visões e acreditasse receber revelações...

Depois que pensou ter visto a Mãe de Jesus, Juan Diego, em companhia do seu tio, deixou sua aldeia e sua casa e passou a morar num quartinho contíguo à ermida feita pelos índios no Tepeyac. Lá viveu dezessete anos, até os 74 anos, em 1548, quando foi morar definitivamente na casa do Pai em companhia Daquela que tanto amara em vida.

Foi enterrado na própria ermida, junto a seu tio Juan Bernardino, falecido em 1544, aos 84 anos. Foi beatificado em 1990 pelo Papa João Paulo II, durante a segunda visita papal ao México.

Da ermida às basílicas

A "ermida dos índios" na realidade foi levantada em onze dias por índios e espanhóis; e inclusive os próprios Dom Juan de Zumárraga e Hernán Cortés "arregaçaram as mangas". A ermida, com a milagrosa "Imagem" impressa no poncho, foi conservada até 1622, quando foi demolida. Sucessivamente foram se construindo mais oito igrejas maiores. A mais tradicional foi concluída em 1709 e guardou a Imagem de Nossa Senhora de Guadalupe até 1976. Como esta basílica está inclinada, ameaçando cair, por ter sido construída sobre árvores fincadas no lago Texcoco, foi substituída, a partir de 1º de outubro de 1976, por uma imensa basílica em forma de *sombrero* mexicano. A técnica moderna promete reerguer a antiga basílica, que será convertida em museu guadalupano.

Na entrada da nova basílica está escrito: "¿No estoy Yo aquí que soy tu Madre?"

As visões

No dia 9 de dezembro de 1531, Juan Diego, então com 57 anos, dirigia-se, como de costume aos sábados, ao convento dos franciscanos em Tlatelolco. Era madrugada, pelas seis horas, quando perto do monte Tepeyac acreditava estar ouvindo o canto de pássaros e uma voz que o chamava afetuosamente.

"Porventura sou digno do que ouço? (...) Onde estou? Acaso estou onde disseram nossos antigos, nossos ancestrais, nossos avós, a terra das flores, a terra de nosso sustento, já é aqui a terra do céu?"

Era o modo de falar indígena que Laso de la Vega preservou...

Juan Diego foi procurar quem o chamara e de onde vinham sons tão agradáveis. Acreditou que estava lá visível uma Jovem Rainha, de uns 15 anos, resplandecente, revestida pelo sol, com estrelas no manto, com a lua sob seus pés. Ela teria dito ser a Mãe do verdadeiro Deus e que muito desejava que ali fosse construído um templo, para que pudesse ajudar os que a invocassem. E teria pedido ao índio que fosse transmitir esse desejo ao bispo da cidade.

O bispo em nada acreditou. Pensou que era tudo astúcia típica do índio para conseguir uma igreja mais perto...

O bispo pede uma prova

Dia 10 de dezembro, domingo. Juan Diego explica à Jovem Mãe do verdadeiro Deus que o bispo considerara invenção de índio todo esse projeto de construir uma nova igreja... A Jovem Rainha teria pedido que voltasse e insistisse.

Mais uma vez, Juan Diego voltou à casa do seu bispo. Depois de ouvi-lo longamente, o bispo

continuou sem dar-lhe crédito. Não seria simplesmente um sonho, uma fantasia, ou até uma história asteca envolvendo a deusa da fertilidade, cujo templo de fato se erguera nos arredores do Tepeyac? Juan Diego conhecera a Mãe de Jesus nas aulas de catecismo. Talvez pensasse Nela ao passar por ali. Talvez desejasse vê-La, talvez se auto-sugestionasse. E a viu, como a imaginava. Uma mistura dos deuses astecas e a descrição do Apocalipse... Para o cultíssimo Dom Juan de Zumárraga a coisa estava clara: Juan Diego, devoto e sensível, teve uma alucinação. Seu inconsciente projetou sua religiosidade e desenvolveu uma linda e desejada história, pela qual ele foi se deixando levar...

Aquela visão poderia ser especialmente providencial? Então a Jovem Rainha teria de apresentar uma prova: um milagre, a "assinatura" de Deus.

No dia seguinte, 11 de dezembro, Juan Diego não foi ao Tepeyac, pois ficou auxiliando seu tio, Juan Bernardino, que ficara gravissimamente doente de varíola.

Na terça feira, 12 de dezembro, bem cedo, Juan Diego foi buscar um sacerdote para ministrar os últimos sacramentos ao tio, que certamente estava "nas últimas". Ao chegar ao pé do Tepeyac, quis desviar por outro caminho para não encontrar-se com a Senhora e não chegar tarde com o sacerdote... Mas a Jovem Rainha teria lhe barrado a caminhada no local onde hoje se ergue a igreja

de “El Pozito”. Ele apressou-se a contar-Lhe sobre o doente. Ela teria respondido: “Não estou aqui Eu que sou tua Mãe? Não te aflija a doença de teu tio, pois ele já sarou”.

Juan Diego, animado com o grande consolo da saúde do tio que a Senhora lhe assegurava, animou-se a falar da exigência do bispo.

E naquele instante... Levaria diferentes e magníficas rosas que repentinamente surgiram no alto do monte Tepeyac.

“O alto da colina não era lugar onde brotassem flores de qualquer espécie, porque havia muitas ervas daninhas e era dezembro, quando o gelo estraga tudo”.

Juan Diego cortou as flores e as guardou em seu poncho. E, alegre, tomou o caminho da casa do bispo.

Um retrato no poncho

Os criados do bispado não quiseram incomodar o prelado. Fizeram Juan Diego esperar bastante tempo, confiando em que ele próprio desistiria. Mas acabaram querendo saber o que ele trazia com tanto cuidado. Quando viram as rosas ficaram surpresos, porque não era tempo de floração de rosas, e elas estavam frescas e belas. Nunca viram rosas tão grandes, tão bonitas, de tal aroma. Avisaram então ao bispo.

Quando Dom Juan de Zumárraga enfim o recebeu, Juan Diego abriu a dobra do seu poncho, e caíram magníficas e abundantes rosas de Toledo (na Espanha, também chamadas impropriamente rosas de Castela), famosas por seu tamanho e aroma.

E... mais uma "assinatura". E que "assinatura"! Pouco depois de

> "as flores caírem no chão, de repente apareceu milagrosamente impressa no poncho a bela Imagem da Mãe de Deus, da mesma forma como está e é guardada no seu templo de Tepeyac, e que tem o nome de Guadalupe (...) Assim que viram a Imagem, o senhor bispo e todos os que ali se encontravam caíram de joelhos e a admiraram.
> O bispo rezou e (...) quando se levantou, desamarrou a túnica de Juan Diego que estava presa ao pescoço, onde se desenhara e aparecera a Senhora do Céu. Em seguida, levou-a e colocou-a em seu oratório".

Todas as informações históricas a respeito da visita de Juan Diego ao bispo relatam que a impressão da Imagem apareceu no poncho, ali, à vista de todos os presentes, depois de as rosas terem caído.

Hoje sabemos o momento exato. Num estudo moderno realizado pelo Pe. Mario Rojas Sánchez, Dr. Juan Homero Hernández Illescas, Dr. J. Cantó Ylla e Dr. Armando García de León, no Instituto de Astronomia da Universidade Nacional do México,

comprovaram que a posição das 46 estrelas no manto de Nossa Senhora de Guadalupe corresponde à situação em que estavam, vistas de fora da abóbada celeste, sobre toda a América, do Alasca até a Patagônia, no solstício de inverno do ano de 1531, 12 de dezembro, às 10 horas e 36 minutos.

Nossa Senhora concedeu Seu lado direito às nações americanas do hemisfério Norte, mas do lado esquerdo, sobre o coração, estão as estrelas correspondentes ao Brasil e às nações do hemisfério Sul...

Juan Diego foi hospedado na casa do bispo até o dia seguinte, quando foi mostrar o lugar onde deveria ser erguido o templo.

E logo depois voltou para sua casa, ansioso por ver o tio que deixara gravemente enfermo. Os médicos espanhóis, surpresos, levaram também Juan Bernardino ao bispo, contando-lhe o que acontecera. Com efeito, no mesmo instante em que a Jovem Rainha o anunciava no Tepeyac, Juan Bernardino ficou completamente curado e saudável. Explicou que ele também vira, exatamente como descrevia o sobrinho, a Jovem Rainha e que lhe dissera Seu nome: Santa Maria Tequatlaxopeuh.

O bispo trasladou a Imagem para a igreja, e assim todos puderam vê-la.

"Muito se admiravam com o fato de que tivesse aparecido por milagre divino, porque pessoa alguma neste mundo pintou sua bela Imagem".

O nome "Guadalupe"

O vocábulo "Guadalupe" é árabe. Significa "encontrada no rio". Como então, numa terra de idioma tão diferente, o náhuatl, foi chamada Guadalupe aquela Jovem Rainha que teria dito que seu nome era Santa Maria Tequatlaxopeuh?

Era dificílimo para os conquistadores e missionários espanhóis o vocábulo "Tequatlaxopeuh", que significa "aquela que afugentou os que nos matavam". O vocábulo foi associado pelos espanhóis a "de Guadalupe", nome que eles conheciam. Há na Espanha, em Cáceres, uma esplêndida basílica onde se cultua Nossa Senhora de Guadalupe, uma Imagem de madeira encontrada nas areias do rio entre os anos 1312 e 1350, quando aquela região espanhola estava sob o poder dos mouros. E assim passaram a chamar a Imagem da Jovem Rainha. Assim também a identificou o autor do *Nican mopohua* que, mesmo escrevendo em língua náhuatl, usou o nome usado pelos espanhóis.

Aos astecas era compensador chamar sua nova Rainha como "aquela que afugentou os que nos matavam", alusão ao sangue de seus antepassados oferecido aos "deuses" que aparecem na Imagem. Especialmente ao "deus" Quelzalcoatl, representado por uma serpente emplumada ou pela lua. A Senhora de Guadalupe esmaga a lua com o pé, além de que a Imaculada é freqüentemente representada, a partir de uma descrição no Apoca-

lipse, pisando a serpente, símbolo do mal. É significativo que a primeira visão tenha se dado no dia 9 de dezembro de 1531. Naquele ano, a festa da Imaculada celebrou-se precisamente nessa data. Era a passagem de épocas violentas ao convívio tranqüilo de quem se oferecia: "Não estou aqui Eu que sou tua Mãe?"

Revitalização

No dia 26 de dezembro, catorze dias depois do milagre das rosas e da impressão, o bispo organizou uma solene procissão para levar o poncho com a Imagem de Santa Maria de Guadalupe à ermida provisória no monte Tepeyac. O bispo nomeou Juan Diego encarregado da ermida e da Sagrada Imagem.

Da solene procissão do traslado participaram o povo e os nobres astecas, o bispo com os demais religiosos franciscanos, e os soldados espanhóis com o próprio Hernán Cortés, vice-rei do México.

A multidão caminhou sobre uma calçada adornada, "um tapete de folhagens e flores". De ambos os lados, estava o lago, onde alguns índios em canoas faziam batalhas simuladas, característica das festas e costumes dos chichimecas, os indígenas que usavam o arco e a flecha.

Durante a "batalha", quando um dos participantes esticou seu arco, acidentalmente soltou a

flecha, que atravessou o pescoço de outro "guerreiro". Nada puderam fazer os médicos espanhóis. A flecha atravessara a jugular e a traquéia...

Acabou a festa! Puseram o cadáver sobre o andor da Senhora de Guadalupe... E repentinamente a flecha pulou, o morto levantou-se sadio e forte como era antes. Só ficou uma marca rosada, como testemunho do milagre durante toda sua vida.

A procissão e a revitalização do indígena são também conhecidos através de uma pintura de grandes proporções que hoje pertence à coleção do Museu da Basílica de Guadalupe. Apesar de sua data tardia, 1653, e de seu estilo europeu, ela fornece uma série de confirmações históricas.

Em outro documento, denominado "informações de 1666", vários índios testemunharam o que lhes foi contado por seus avós e antepassados sobre a procissão e o milagre, constituindo um núcleo comum de muitas fontes.

A Grande Evangelizadora

As cores do manto e da túnica são as cores da rainha dos astecas. E não é só, os especialistas israelitas foram unânimes em sua observação da forma e do modo de o manto ser posto sobre a cabeça: "tanto o manto como a túnica que a Imagem apresenta coincidem com as vestimentas utilizadas, durante as festas, pelas mulheres de Israel do século I".

Sem entrar em detalhes, por ser tema muito difícil para os não-familiarizados com a mentalidade e expressões dos astecas da época, aludirei a que estudos recentes, principalmente da equipe do Pe. Mario Rojas Sánchez, demostram que a Imagem toda e a história toda está cheia de simbolismo para os astecas. Constituiu um Catecismo amplo e muito claro para eles, então com muitíssima dificuldade idiomática e conceptual com os catequistas espanhóis. Eram muito esclarecedores para os índios o significado do próprio nome Tequatlaxopeuh, as grafias do Tepeyac, a correspondência de lugares geográficos, o signi-

ficado nos hieroglifos astecas das datas das visões... Igualmente em relação à mitologia asteca era muito significativo que a cor rosada da aurora matinal do Vale do México se representasse na túnica; o azul do céu, no manto; as estrelas, no manto de seda sobreposto; o resplendor amarelo do sol, precisamente detrás Dela; a lua, precisamente sob os pés. Os "deuses" mais importantes deles, agora a serviço da Rainha dos "deuses" e rainha dos índios como expressavam as cores das roupas Dela. Tinham muito sentido hieroglífico os desenhos ou arabescos sobre toda a túnica, aliás representando toda a orografia mexicana; o hieroglifo de Vênus, o hieroglifo "nahui ollin" de especial significado em toda a religião asteca; enfim, a interpretação hieroglífica de todos os detalhes.

Os índios entenderam a catequese expressa na Imagem surgida milagrosamente... e se converteram em massa ao catolicismo.

O PONCHO DE FIBRA VEGETAL

A principal vestimenta masculina dos habitantes do México da primeira metade do século XVI era um pedaço de pano que envolvia a cintura, passava entre as pernas e amarrava-se na frente. Popularizou-se também o uso de um manto, principalmente nos meses de inverno. Para as classes mais abastadas e poderosas, era feito de algodão. Mas não podia chamar-se manto o que os pobres

usavam, chamam-no tilma ou poncho: grosseiro e simples feito de fibra vegetal, de forma retangular, preso no ombro com um nó.

A tilma que Juan Diego vestia em 12 de dezembro de 1531, a mesma que é vista hoje na basílica de Guadalupe, mede 1,65m de comprimento por 1,60m de largura. Portanto, para não arrastá-la, Juan Diego tinha um mínimo de 1,70m. A tilma está composta de três partes, cada uma de 35,33cm de largura, unidas por uma costura com linha de algodão. Uma das partes está dobrada por detrás, a Sagrada Imagem ocupando as outras duas. A Imagem tem exatamente 1,40m de altura. A tilma é feita de um tecido ralo, cujos fios são separados entre si. Mais precisamente, é uma trama de fios de *maguey* feita à mão ou em um tear simples. Chamam *ayate* este tecido.

Maguey é uma planta do gênero das amarilidáceas, de pencas carnudas, das quais se extrai uma fibra têxtil. Na linguagem popular, a palavra *maguey* refere-se à maioria das espécies de agave, numerosas na República do México. A tilma de Juan Diego é feita de uma das 175 espécies de agave, a chamada *agave potule Zacc.*

Dificilmente a vestimenta de um modesto índio asteca traria como enfeite qualquer desenho... E absolutamente impossível que trouxesse uma obra de arte. Não se tinha notícia que um tramado de fios de *maguey* pudesse reter qualquer pintura.

Seria uma pintura?

Já em 1666 uma comissão de sete pintores escolhidos, sob a direção de Salguero, chegava à conclusão de que a Imagem não podia ser uma pintura feita pelo homem. As técnicas humanas análogas às da Imagem, óleo, têmpera, aquarela e afresco, além de serem incompatíveis entre si no mesmo tecido, não apresentam no *ayate* os preparativos que seriam necessários. E outra comissão de quatro especialistas, sob a direção do protomédico Dr. Cárdenas, declara que era completamente impossível que a Imagem se tivesse conservado naturalmente.

Em 1751, Miguel Cabrera, "o Michelangelo mexicano", junto com o prestigioso pintor José Ibarra e mais dois especialistas comprovavam que não havia no original da Imagem de Guadalupe nenhum traço de pincel ou instrumento algum, que a "tinta" era invisível ou transparente olhando por detrás da Imagem apesar de perfeitamente visível ou opaca olhando por diante.

No século XX, a tilma foi sistematicamente estudada pelos cientistas com seus instrumentos e técnicas.

Entre eles, pelo famoso químico alemão Richard Kuhn, Prêmio Nobel de Química de 1938 e de 1949. Extraíram do *ayate* duas compridas fibras, uma correspondendo à parte rosada, outra à parte mais amarela. A conclusão foi surpreendente:

"Nas duas fibras não existem corantes vegetais, nem corantes animais, nem corantes minerais"!

Nem poderiam ser corantes sintéticos, desconhecidos em 1531. Não contendo resíduos de pintura, a Imagem não é uma pintura!

Quarenta anos depois, em 7 de maio de 1979, os cientistas Jody Brand Smith, professor de Estética e de Filosofia da Ciência no Pensacola College, e Phillip Serna Calahan, biofísico da Universidade da Flórida e especialista em pintura, ambos membros da equipe científica da NASA, iniciaram um estudo de toda a Imagem Guadalupana. Eles fotografaram, sem o cristal protetor, com filmes normais e especiais, 40 fotos em infravermelho, 60 fotos para computador...

Os dois cientistas, com sua equipe, trabalharam mais de dois anos, fizeram um amplo relatório e explicaram o valor do método que utilizaram.

"A fotografia em infravermelho é uma técnica que se emprega nos estudos críticos de pinturas antigas (...) Nenhum estudo de trabalho artístico pode ser considerado completo, enquanto não forem empregadas as técnicas da fotografia em infravermelho, e certamente nenhum trabalho científico se considera completo sem esta análise."

Os norte-americanos também não encontraram pintura no original da Imagem. Nem verniz lhe foi aplicado para resistir ao tempo. A Imagem

não teve preparação ou esboço embaixo. Comprovaram que Aquele que a desenhou pela primeira vez não usou pincéis nem instrumento algum. Não retificou, nenhuma cor se superpõe, um mícron que seja, a outra. Nem utilizou técnica conhecida.

Ela é, em muitas partes, semelhante a uma fotografia. Mas os técnicos da Kodak e outros especialistas provam com absoluta facilidade que não se trata de fotografia, não tendo impressionado o tecido.

Também não é impressão gráfica...

Ficaram também maravilhados com a "técnica" utilizada nas mãos e no rosto, servindo-se das imperfeições do tecido para dar uma grande profundidade.

Analogamente, "a expressão de meditação é constituída por simples linhas escuras e finas, que desenham as sobrancelhas, a silhueta do nariz e a boca".

E as cores e luminosidade do rosto, das mãos, da túnica e do manto modificam-se e parecem ser efeito da refração da luz, como acontece nas penas de certos pássaros ou nas asas de algumas borboletas. Não pôde ser conseguido por técnicas humanas... daquela época.

Com o infravermelho pode-se acompanhar em relevo cada cabelo e seu ligeiro ondulado sobre o ombro, igualmente cada pêlo das sobrancelhas e dos cílios.

"Sem qualquer dúvida, as fotografias provam que o azul do manto e o cor-de-rosa da túnica são originais, e nunca foram retocados nem repintados". Além do que com raios X e espectroscópio os cientistas verificaram que o manto azul tem superposto e em relevo um outro manto transparente como se fosse de seda, que nenhuma pintura humana poderia imitar, especialmente naquela época. Isto explica que algumas estrelas nele impressas não apareçam dobradas como corresponderia às dobras do manto subjacente. Já antes falaram alguns autores da suavidade ao tato, como se realmente fosse de seda, apesar de estar num tosco *ayate*.

Não é ouro, nem cobre... nem tinta o dourado transparente imaculado que aparece por baixo nas partes onde está caindo o ouro acrescentado, nos 129 raios solares. Nem é prata nem tinta... o branco transparente e imaculado que aparece sob a prata acrescentada sobre a lua e sobre o laçarote na cintura.

Os cientistas ficaram impressionados:

"Apesar da ausência de qualquer recobrimento protetor, a túnica e o manto são brilhantes e coloridos como se acabassem de ter sido pintados! (...) O retrato original conserva-se como no dia em que foi feito (...) Pode-se notar que depois de mais de quatrocentos e cinquenta anos, não existe descoloração nem gretadura da figura original em parte alguma do *ayate* que, por não conter emplastro, deveria ter se deteriorado já há centenas de anos".

E uma vez mais concluíram pelo milagre. E mais surpresas: aproximando-se para ver a imagem a menos de 10 centímetros, só se enxergam as fibras do manto, não se vêem as cores nem a Imagem! Os cientistas da NASA puderam passar raios lazer paralelamente à tela sem tocar a Imagem: a imagem está separada da tela três décimos de milímetro. A imagem está suspensa no ar!

Todavia os processos da fotografia em infravermelho confirmaram que os homens tiveram o atrevimento de sobrepor acréscimos e retoques. Em algumas partes, a técnica utilizada nos acréscimos é pobre, medíocre.

Sem dúvida para que brilhasse mais à luz das velas nas grandes festas, acrescentaram ouro aos raios solares, e prata ao laçarote de arminho na cintura, e aos cabelos do anjo, também acrescentado, aos pés da Imagem. A prata ficou preta, e tanto a prata como o ouro estão caindo aos pedaços, enfeiando o conjunto. Aparecem por baixo os admiráveis dourado e branco originais.

Colocaram uma coroa de prata: ficam abundantes e feios restos pretos, especialmente entre a trama do *ayate*.

Pintaram dois anjinhos, cabeças com asas, de ambos os lados da Imagem. "Já voaram." Não se nota mais nada. Só com aparelhagem especializada dá para perceber que estiveram lá.

Vulgares acréscimos são também toda a dobra inferior horizontal da túnica, assim como o aludi-

do anjo, de meio corpo e com asas, tipicamente em formas e cores ao gosto dos índios mexicanos. Pretendiam, sem dúvida, encobrir o escurecimento provocado durante séculos pela fumaça de velas. Já está... desprendendo-se, "preparando-se para voar também". Como igualmente está desaparecendo o escurecimento causado pela fumaça.

Também são acréscimos as bordas pretas que separam o manto da túnica, assim como as bordas do broche sob a gola, ao redor das mãos, e ao redor dos arminhos... Etc.

Os pigmentos empregados na pintura dos acréscimos e retoques podem ser identificados com facilidade. Estas pinturas, porém, todas estão caindo. Como caiu completamente, tanto que hoje só com aparelhagem muito especial se conseguem detectar mínimos traços, uma coroa de ouro da qual brotavam dez raios também de ouro, anteriores e embaixo da coroa de prata. Muitos documentos antigos fazem alusão a ela.

Outra análise foi realizada pelo mexicano Rodrigo Franyutti, professor de Filosofia e perito fotográfico. Ele provou e mostrou que os retoques no rosto e cabelos foram feitos entre 1926 e 1929. A afirmação baseia-se em fotografias oficiais ampliadas, anteriores e posteriores a essas datas.

Foi assim. Em 18 de maio de 1923, o fotógrafo Manuel Ramos conseguiu uma série de fotos de grande qualidade. Em 1926, os católicos do Mé-

xico sofreram uma dura perseguição do governo. Temendo pelo poncho de Juan Diego, os responsáveis substituíram-no por uma cópia. Em junho de 1929, a verdadeira Imagem foi reconduzida a seu lugar na basílica, perante escrivão e testemunhas. Quando tudo se normalizou, a Igreja local determinou que se fizessem novas fotografias oficiais, o que foi providenciado no começo de 1930. Elas são as divulgações da Imagem de Guadalupe que conhecemos hoje.

Rodrigo Franyutti comparou as duas séries de fotografias e notou que nelas o rosto não era o mesmo: na de 1923, era limpo e luminoso; na de 1930 aparecia retocado e escurecido. Sem dúvida se pretendeu fazê-la ainda mais parecida, do que já era, às mestiças.

Os retoques modificaram o rosto. Acrescentaram-lhe detalhes que originalmente não tinha, como uma papada que o envelheceu, e uma chapinha vermelha na bochecha esquerda, que lhe provocou um efeito de inchaço. Depois de retocado, o rosto tornou-se “áspero na textura e desigual no acabamento”.

Nos olhos, acrescentaram sombras nas partes inferiores, dando a impressão de estarem desorbitados. Cobriram o belíssimo perfil original do nariz com uma linha de pintura que o encompridou bruscamente. Pintaram-lhe os lábios de vermelho, tornando-os largos e toscos, desproporcionais ao resto do rosto. Escureceram

seus cabelos, que hoje dão a impressão de algo duro e pouco natural.

Quão diferente é o rosto original! Para se pintar um rosto como aquele das fotos de 1923,

> "seria preciso utilizar pelo menos duas cores: a que desse luz e a que desse sombra. Mas no rosto da Virgem não há um só traço pintado que seja a causa da sua luminosidade e da sua tridimensionalidade. O rosto inteiro está cheio de uma mesma luz, que o ilumina com a mesma intensidade. Por mais que queira, nenhum pintor consegue fazer isto. Não existe cor — por mais brilhante que se pense — que, por si mesma, consiga dar simultaneamente os efeitos de tridimensionalidade e luminosidade".

As fotografias de 1923 mostram extraordinária perfeição. Todo o rosto era delicadíssimo. O perfil do nariz é feito pelo mesmo tecido da tilma, que termina num fio grosso. Os olhos não estão pintados, são expressos pelo contraste que produzem as várias espessuras dos fios que por aí passam. A boca é somente um conjunto de fios e manchas magistralmente utilizados. Em resumo,

> "do tosco se obtiveram efeitos delicados; e das manchas, fendas e fios grossos do *ayate* conseguiram-se finíssimos traços, sem a coloração de um só grama de pintura sobre eles..."

Há muito mais a dizer.

A fibra de agave da qual foi feita a tilma é muito perecível. O *ayate* não poderia durar mais de cinco anos de uso, ou, no máximo, vinte anos, se conservado protegido numa gaveta. O *ayate* é muito quebradiço, desfaz-se em pó.

Para observar os efeitos do tempo no *ayate* e na Imagem, o Dr. José Ignacio Bartolache y Díaz de Posada, em 1785, fabricou uma cópia do poncho do índio Juan Diego. Cópia exata na forma e no material do poncho, e "imitou", quanto possível, a Imagem. A cópia foi exposta na Capela de El Pozito. Seis anos e meio depois, teve de ser retirada do local pelo deprimente espetáculo oferecido por seu alto grau de deterioração. Poucos meses depois, o tecido era só pó.

Hoje, a tilma com a Imagem está protegida. Encontra-se em um esticador de madeira, ajustado à moldura. A parte posterior é coberta por uma folha de prata, a anterior por um vidro a prova de balas, e os quatro lados são protegidos por um grosso marco de ouro maciço. Tudo de doações.

Mas nem sempre foi assim. Nos primeiros cento e dezesseis anos, a Imagem de Guadalupe era levada de um lado para outro sem nenhuma proteção. Em 26 de dezembro de 1531, foi levada em procissão da Cidade do México à ermida dos índios na colina Tepeyac. Em 1629, voltou de

canoa à capital, após uma grande inundação. Bastantes dos acréscimos e retoques mostram evidentemente que foram feitos para reparar os estragos que a inundação causara em muitos dos retoques humanos anteriores. Em 14 de maio de 1634, retornou ao Tepeyac, em procissão. Foi repetidas vezes levada a diferentes templos provisórios. Só em 1647, após cento e dezesseis anos de exposição direta a todos e a tudo, é que foi protegida por dois vidros, trazidos da Espanha, substituídos em 1766 por um vidro inteiriço. Não sofreu, porém, os efeitos do pó, dos insetos, dos microorganismos...

E da umidade salitrosa. Na época, a Cidade do México era rodeada de lagos insalubres, de umidade corrosiva, "que comia as pedras e os metais". Não só as madeiras, mas inclusive o bronze, a prata, o ouro não resistiam a mais de um século.

As lâmpadas de óleo que ardiam dia e noite, e a fuligem de infinidades de velas deveriam tê-La destruído, disseram os cientistas. Como também deveriam tê-La prejudicado a contínua esfregação de mãos, lábios e dos mais diversos objetos (estampas, medalhas, terços, estátuas...) que externava a piedade do povo. Só numa oportunidade se contaram mais de setecentas espadas de espanhóis tocando a sagrada tilma.

Em 1791, apareceu uma mancha na tilma. O químico Carlos Maria Bustamante analisou... Quando alguém limpava a moldura — segundo a maioria — ou por atentado intencional — segun-

do opinião de alguns —, caíra ou fora lançado contra a tilma um vidro de agua régia para corroer metais, na proporção de 50% de ácido nítrico e 50% de ácido clorídrico. Caiu sobre a tilma, no canto superior direito, sem tocar a Imagem. Segundo os especialistas, a solução deveria ter destruído o tecido, mas na realidade apareceu na camada mais superficial do *ayate* apenas uma mancha amarelada, de uns dois decímetros de largura na parte mais alta e que vai se estreitando sem atingir minimanente a Imagem. A poucos metros de distância não se nota, e "está sumindo com o tempo".

Em 14 de novembro de 1921, o pedreiro Luciano Pérez, anarquista espanhol, depositou um arranjo de flores sobre o altar, diante da Imagem. Às 3 horas da manhã, violentíssima explosão. As flores escondiam uma carga de dinamite. A violenta explosão destruiu o altar de mármore, todos os vasos e castiçais, os vidros da basílica e de prédios vizinhos. Conserva-se um pesado Crucifixo de bronze, que estava diante da Imagem, quebrado e entortado. Mas a tilma com a Imagem de Nossa Senhora de Guadalupe nada sofreu!

Os olhos parecem vivos

A Imagem de Nossa Senhora de Guadalupe ia completar quatro séculos, quando Alfonso Marcué González, fotógrafo oficial da basílica, ao rever alguns negativos fotográficos, descobriu uma figu-

ra humana nos olhos Dela. Mais precisamente, uma figura de meio corpo de um homem em atitude pensativa, segurando a barba com a mão direita.

Era o ano 1929 e, por causa da perseguição que acabara de sofrer, a Igreja do México achou melhor não publicar a descoberta.

Em 29 de maio de 1951, o desenhista e fotógrafo José Carlos Salinas Chaves redescobriu o personagem com barba. O Arcebispo Dom Luis María Martínez nomeou uma comissão de especialistas para verificar a descoberta. Não havia a menor dúvida. Com uma ampliação de 10 vezes é apenas perceptível. Mas é claríssima com ampliações superiores a 25 vezes. A descoberta foi levada a público pela primeira vez numa emissão radiofônica, em 1955.

A Imagem de Nossa Senhora de Guadalupe, que parecia tão contemplativa, ia assustar os maiores oftalmologistas que tiveram o privilégio de estudar Seus olhos.

O primeiro deles foi Javier Torroella Bueno, chefe da Clínica de Propedêutica na Escola Nacional de Medicina da Universidade Nacional Autônoma do México (1949-1952) e da Cátedra de Oftalmologia (1953-1960). Trabalhou com o eminente oftalmólogo e cirurgião Rafael Torija Lavoignet.

Foi o Dr. Rafael Lavoignet quem descobriu, em julho de 1956, após oito meses consecutivos de trabalhos, o fenômeno ótico da "tripla imagem

de Purkinje-Samson" nos olhos da bela Imagem que se desenhou na tilma de Juan Diego.

Com uma lupa, ele viu a figura do homem de barba nos dois olhos, e com o oftalmoscópio, jogando luz sobre o olho direito, viu os três reflexos correspondentes à lei ótica da "tripla imagem".

A "tripla imagem de Purkinje-Samson" leva o nome de seus descobridores, o polonês Purkinje e o francês Samson que, separadamente, constataram que no olho humano formam-se três reflexos do objeto visto por uma pessoa: um, na superfície da córnea; outro, em um plano mais profundo, na superfície anterior do cristalino; e o terceiro, que se apresenta invertido, na superfície posterior do cristalino.

Numa tela plana e grosseira como a tilma, seria impossível produzir esses reflexos, diziam os médicos e os pintores. E como é que um pintor do século XVI reproduziria a "tripla imagem", descoberta apenas no final do século XIX?

Os dois especialistas mexicanos fizeram seus relatórios e depois uma análise conjunta dos olhos, da qual resultou um documento firmado em 10 de maio de 1957: A tripla "imagem acha-se na córnea de ambos os olhos (...) E de acordo com as leis da ótica, já que se encontra na parte interna da córnea do olho direito e na parte externa do olho esquerdo".

Eles próprios e outros especialistas, como o Dr. Ugalde, Dr. Palacios etc., confirmaram tudo

com outros estudos e relatórios mais extensos e detalhados. E surgem mais surpresas. Descobrem estarrecidos circulação arterial nas pálpebras da Imagem! E mais ainda: a Imagem, no rosto e nas mãos, conserva a temperatura de um corpo vivo. Tanto no inverno como no verão, a temperatura se mantém entre 36,6 e 37 graus!

Choveram os cientistas internacionais para examinar também os olhos da Imagem da tilma. Todos disseram que deixavam suas crenças na porta da basílica, mas ainda assim não podiam conter a emoção quando ficavam perto analisando a tripla imagem, em relevo, em cores, nos olhos da Imagem da Padroeira da América Latina. Os sábios perguntavam a si mesmos Quem teria conseguido pintar tal perfeição anatômica e microscópica...

Havia uma constante nos depoimentos deles: quando para observar o misterioso personagem da mão na barba eram utilizados aparelhos ópticos, os olhos da Imagem refletiam a luz como se fossem um espelho. Mais ainda: ganhavam brilho e profundidade como se fossem vivos! O que observaram não pode ser feito em pinturas ou em fotografias, nem mesmo em olhos humanos que não estejam vivos!

Ao Dr. Enrique Graue, um dos especialistas mais competentes da América, toda essa história parecia insustentável. Já de início, ficara estarrecido ao verificar a conservação, após quatrocentos e cinqüenta anos, da tilma e da Imagem. Para

analisar os olhos, exigiu a retirada do cristal que protege sempre a Imagem.

E comprovou mais uma vez que a figura humana nos olhos Dela aparece perfeitamente enfocada no olho direito e desfocada no esquerdo, fato normal para as leis da ótica, se o olho esquerdo estivesse um pouquinho atrás do direito, em relação ao que observava. Confirmou também a "tripla imagem" e a luminosidade das pupilas. Pareciam realmente as de uma pessoa viva. Um dia, absorto no exame que fazia com o oftalmoscópio, pediu: "Por favor, olhe um pouco para cima!"

Análise por computadores

A presença de uma figura humana nos olhos da Imagem da tilma asteca e a descoberta do brilho e profundidade deles deixaram os oftalmologistas assombrados. Do ponto de vista da ciência, eles nada puderam explicar. Entretanto, a Jovem Rainha em atitude de oração ainda não dissera tudo.

O peruano Dr. José Aste Tonsmann, especialista em engenharia de sistemas ambientais pela Universidade de Cornell (EUA), trabalhava no Centro Científico da IBM da Capital do México, no processamento por computadores de imagens transmitidas por satélites artificiais, e em outros projetos.

Qualquer fotografia pode ser reconstituída e ampliada pelos computadores através do chamado processo digital, como o Dr. Aste provou aplicando o método em alguns dos símbolos da vida e da cultura do país, como o calendário asteca... e quis aplicá-lo a outro símbolo chamado Virgem de Guadalupe! O processo digital consiste na reconstrução de uma fotografia pelos computadores à base de dígitos ou números.

O Dr. Aste até então não conhecia os estudos feitos nos olhos daquela famosa Imagem nem sequer a descoberta do "homem de barba". Um dia, leu um pequeno artigo sobre esse fato e resolveu fixar-se na inexplicável figurinha. "Se este busto está aí, eu poderei ampliá-lo melhor do que ninguém, com os computadores" ou cérebros eletrônicos do centro especializado.

Era fevereiro de 1979 quando iniciou a trabalhosa e minuciosa pesquisa no Centro Científico da IBM. Os resultados só ficariam definidos em 1981.

Doze figuras humanas

O Dr. José Aste Tonsmann não sabia que iria fazer tantas descobertas e que perderia o sono por conta delas.

Não podendo os computadores trabalhar sobre a superfície rústica e sinuosa da tilma — exigem uma superfície lisa —, o Dr. Aste tirou muitas fotografias. Como nos olhos de uma pes-

soa viva as imagens refletem-se na íris, o estudo dele concentrou-se em fotografias das íris dos olhos da Imagem de Guadalupe. Ampliou as fotografias dos olhos a diversos tamanhos: de 2 a 5 milímetros de altura por 3 a 7 milímetros de comprimento. O computador dividiu cada milímetro quadrado em 1.600 até 27.778 microquadradinhos, e depois ampliou 30 até 2.000 vezes cada microquadradinho.

Seu trabalho não seguiu um esquema determinado. Empenhou-se nele sem saber o que ia encontrar. Nos dois anos de estudo, enfrentou procedimentos difíceis que exigiram muito esforço. À medida que os mistérios se sucediam, ele chegou a tornar-se opositor de suas próprias descobertas para não confundir emocionalmente seu desempenho de cientista.

> "Preparei um programa especial, à base de filtros de 'comprovação', para afastar definitivamente a dúvida sobre se as figuras eram autênticas ou manchas. Esses filtros, sempre de forma automática, deviam eliminar as manchas ou pontos isolados e pôr em destaque os corpos ou figuras."

Começou pelo olho esquerdo. Os computadores trabalharam e forneceram a primeira ampliação. Atônito, viu aparecer naquela ampliação, na extremidade direita do olho, uma figura de pouco mais de 1 milímetro de largura e 4 milímetros de altura: um "índio sentado" sobre as pernas, sandálias de couro, calção, dorso descoberto, cabelos raspados

até o meio da testa segundo o costume da época, ampliando a fronte, recolhidos na nuca, brincos em forma de aro... brilhantes!

A segunda figura que aparece no computador foi a do esperado "homem de barba" descoberto em 1929, na parte da menina ocular mais próxima do nariz. Um espanhol com uma mão na barba, a outra na espada, com a boca aberta como extasiado pelo que olhava, virado para a tilma de Juan Diego. Em tripla imagem, em relevo, em cores. E no olho direito aparece com maior clareza do que no esquerdo, como já haviam percebido e explicado os oftalmologistas.

A terceira figura, de um velho, vestido de franciscano, com lágrimas escorrendo pelo nariz! Pareceu-lhe de alguém conhecido. Não conseguia lembrar-se. Procurou nos museus, pinturas, livros, algum rosto semelhante. Um dia ocorreu-lhe um famoso quadro do pintor Miguel Cabrera, do século XVIII, no qual o Bispo Juan de Zumárraga ajoelhado, admirava a Imagem no poncho do índio Juan Diego. Aquela figura no computador assemelhava-se demais com a pintura do velho bispo: seus olhos eram fundos, como também as bochechas, o nariz típico dos bascos, a barba branca, a calva grande e reluzente, com algum cabelo com o corte clássico dos franciscanos da época, isto é, uma franja ao redor da cabeça. Era o Bispo Dom Juan de Zumárraga!

Descobriu um outro índio, com chapéu típico em forma de cone, e com uma tilma amarrada no

pescoço. Seu braço direito estendia-se sobre o poncho, e os lábios pareciam entreabertos. Juan Diego! Mas havia na figura de Juan Diego algo ainda mais espetacular: seu olhinho também refletia uma figura: a cabeça de um homem de nariz aquilino, o bispo! José Aste Tonsmann tinha motivo para perder o sono.

Atrás de Juan Diego, surgiu uma mulher negra que parecia observar atentamente. Negros no México no século XVI? O engenheiro ficou sabendo depois que o conquistador Hernán Cortés recebera e entregara ao Bispo Zumárraga uma escrava negra, que o servia como empregada, e que este concedera liberdade a ela. Era também a história sendo recuperada.

À direita do "ancião", os cérebros eletrônicos localizaram um jovem franciscano que olhava quase de frente. Comprovou-se depois que era o intérprete Frei Juan González.

Mas ainda havia mais gente no olhar calmo da Imagem de Nossa Senhora de Guadalupe. Precisamente do centro de ambas as pupilas, os computadores resgataram um "grupo familiar indígena". Era constituído por uma jovem índia, de perfil, finas feições, brincos em forma de aro, também brilhando, um adorno de madeira atravessando o penteado. Levava um bebê amarrado nas costas. Havia um homem com chapéu também em forma de cone, uma criança em pé junto e na frente da mulher, e outro casal que apreciava a cena.

Todas as privilegiadas personagens estavam em ambos os olhos! Diferindo apenas em tamanho, ângulo e luminosidade, o que se encaixava

> "perfeitamente no fenômeno da visão estereoscópica. Os alongamentos de algumas das imagens correspondem à reflexão das mesmas numa superfície convexa como é o olho humano".

Ainda faltava outra surpresa. Das duas personagens que estavam no extremo mais externo do semicírculo, o espanhol com barba e o índio sentado, o computador só podia ampliar os olhos do índio, porque o espanhol estava meio virado. E... em ambos os olhos!, em tripla imagem!, em cores!, os computadores comprovaram a mesma cena de outro ângulo!

Mais: ampliaram 3.500 vezes as pupilas dos olhos do Bispo, que na Imagem é de um milímetro. Num espaço correspondente a uma quarta parte de um milionésimo de milímetro, vê-se a figura do índio Juan Diego mostrando a tilma com a figura da Virgem de Guadalupe!

Mesmo com a tecnologia atual... Quem pintaria figuras da dimensão, da precisão e detalhes daquelas contidas nos olhos da Senhora, em meninas oculares que medem sete e oito milímetros, localizadas em um grosseiro *ayate*?

A grande pergunta

Há milhares e milhares de seitas e religiões. Onde Deus está? Onde estão as verdades de Deus? Somente Ele pode responder. E sua resposta não pode confundir-se com as respostas dos homens.

Por que Deus faz os milagres? Eles são o único "critério suficiente e necessário", a única forma "acomodada a todas as inteligências" de Ele "assinar" Sua Revelação. O milagre é a assinatura de Deus, que os homens não conseguiram nem poderão falsificar. Quem já fez um morto, depois de até oito dias, voltar à vida? Quem já conseguiu que o corpo de um morto, sem preparado algum, fique incorrupto por séculos, continuando flexível como se estivesse vivo e até com aroma agradabilíssimo? Quem já devolveu a seu dono a mesma perna retirada e enterrada há anos? Quem preencheu e cicatrizou instantaneamente feridas até generalizadas?

Toda a Revelação em seu conjunto, e cada afirmação em particular, inclusive as que pareceriam menos importantes (como veneração das relíquias, culto por meio de imagens...), está confirmada com milhares de milagres. Os milagres são fatos observáveis do nosso mundo. Corres-

ponde à ciência estudá-los. Corresponde à ciência analisar o ambiente em que aconteceram e daí deduzir Seu autor. O conjunto dos ramos da ciência que estuda os fenômenos misteriosos é o que chamamos Parapsicologia.

A Igreja Católica sempre se fundamentou nas "assinaturas" de Deus para as proposições de fé que ensinou e mesmo para dirimir qualquer discussão ou dúvida que possa surgir na interpretação da Revelação Divina entre os diversas denominações cristãs. Da mesma maneira, a Igreja Católica coloca a aprovação dos cultos a Nossa Senhora nessa dependência da "assinatura" de Deus: "depois, não por causa" do que tenha acontecido com os diversos videntes, "senão porque" Deus assinou.

No século XVII, o sábio Luis Bezerra Tanco fez um estudo aprofundado do poncho de Juan Diego, procurando denodada e um tanto aprioristicamente tudo o que deveria(?) explicar-se naturalmente. Mas terminou fatigado, decepcionado. Viu-se obrigado a apoiar todas suas conclusões na onipotência divina. Como afirmaram antes, e como foi comprovado cada vez com melhores e mais avançadas técnicas depois.

Nossa Senhora é uma só, a Mãe de Jesus. E Dela Deus parece querer falar muito. Não era preciso que Nossa Senhora **aparecesse** a Juan Diego. A durabilidade de seu poncho e os milagres estampados nele são uma verdade palpável, bem superior à imaginação e palavras do **viden-**

te. O homem **imagina** que vê e ouve. Deus "assina" **verdadeiramente.**

Com Suas assinaturas profusamente estampadas na tilma e na Imagem de Nossa Senhora de Guadalupe — além de outros muitos milagres com Ela relacionados —, Deus possibilita que racionalmente milhões de índios e muitos milhões de latino-americanos de boa vontade reconheçam como numa fotografia sua Rainha, Mãe e principal Padroeira. E que aceitem o amor Dela.

A cada habitante da América Latina que sincera e livremente aceite Seu oferecimento, e principalmente quando pense estar sob "aqueles que nos matavam", pergunta a Mãe de Deus e nossa, a Rainha e Padroeira da América Latina, Nossa Senhora de Guadalupe:

"Não estou aqui Eu que sou tua Mãe?"

E a pergunta vem com o "visto": Deus Onipotente.

Só faltam duas coisas: primeiro, convencidos de que Ela nos ama e nos quer ajudar, respondermos cheios de confiança e amor: "Monstra Te esse Matrem" ["Mostra que Tu és a Mãe"]. Segundo, e principalmente, comportarmo-nos como Seus filhos...



Edições Loyola

editoração impressão acabamento

rua 1822 nº 341
04216-000 são paulo sp
T 55 11 3385 8500
F 55 11 2063 4275
www.loyola.com.br